

ARTE

Guto Lacaz

Ao iluminar o lado obscuro da realidade, a arte questiona a ciência: beleza pura!

O que existe além do universo industrial e a frenética dinâmica tecnológica nos tornando vorazes consumidores, mas, na verdade, consumindo e limitando cada um de nós no prazer de superar os saudáveis desafios da vida?

RICARDO VIVEIROS (ABCA-AICA)

O polímata italiano Leonardo da Vinci, por sabedoria do rei Francisco I, da França, ganhou o castelo de Cloux (atual Clos Lucé), em Amboise, cidade no Vale do Loire, perto de Paris. Lá viveu os últimos anos de sua vida, morrendo em 1519 e sendo enterrado ali próximo. Considerado um dos maiores gênios da história da humanidade (estima-se que da Vinci tinha QI 180), com sua engenhosidade tecnológica criou desde a bobina automática e um medidor da resistência do fio à tração, passando por calculadora, asa delta, bicicleta, paraquedas e a teoria sobre as placas tectônicas, até chegar ao escafandro, ponte giratória, tanque de guerra movido à energia solar, casco duplo para navio, helicóptero e uma série de avanços nos campos da anatomia, mecânica, óptica, aviação, botânica, balística, hidrodinâmica, matemática etc.

Mas, o que popularizou da Vinci foi a pintura. “Mona Lisa”, ou “La Gioconda” (sorridente, em italiano), não permite dúvidas. Da Vinci

nunca misturou suas competências, inventava e pintava separadamente. Considerado um dos arquétipos do Renascimento, foi definido como “sobre-humano”, o que lhe trouxe problemas na Itália, nação religiosa e conservadora. Na França, protegido pela corajosa visão de um monarca, criou sem sobressaltos deixando um grande legado. O Museu do Louvre, por exemplo, expõe suas mais importantes obras e, segundo pesquisas internas, milhares de pessoas visitam o local atraídas pela “Mona Lisa”.

Carlos Augusto Martins Lacaz, ou simplesmente Guto Lacaz, nasceu em São Paulo, Capital, em 20 de setembro de 1948. Criado na agitada megalópole, desde menino revelou interesse por tecnologia e desenho. Formar-se em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São José dos Campos (SP) foi um caminho natural, tanto quanto rapidamente tornar-se ilustrador, *designer*, professor, cenógrafo, editor, desenhista, escultor e pintor. Ilustrou para grandes editoras e jornais. Um legítimo multimídia, Lacaz, por seus méritos como artista determinado em acender uma luz sobre o lado sombrio da realidade, logrou fazer sucesso também no competitivo universo das artes plásticas no qual, não raro, há uma velada resistência ao novo. E Lacaz é daqueles personagens da história que antecipam o futuro, que não transitam nas sombras.

QUEM É DE QUEM?

É curioso pensar que ao ser presenteado com um telefone celular, você não está sendo alvo apenas do carinho de quem o deu. O aparelho pode ser algo muito além do útil, um instrumento com a trágica capacidade de leva-lo à morte. Ou as estatísticas de trânsito não apontam centenas de vítimas fatais em acidentes causados por distração dos motoristas durante o uso dos celulares? Pois é... O celular tornou-se um pedaço de nós mesmos, algo que é extensão de nosso corpo e do qual nos tornamos escravos sem liberdade, dia e noite. A tal ponto que o atamos a nós mesmos com correias, bolsas e, muitas vezes, adormecemos com ele na mão.

Assim, como o celular, também são o relógio, rádio, *pocket TV*, jogo eletrônico, *iPad*, *tablet* e outros objetos tecnológicos que nasceram fundamentados em “melhorar” a vida da sociedade e que, a rigor,

nos transformaram em seus robôs. Somos propriedades deles, e não ao contrário como a publicidade sugere. Estamos, como no conto do argentino Julio Cortázar, “Preâmbulo das instruções de como dar corda em um relógio”, sendo “presentados” a cada um desses inventos que, na verdade, nos usam para mantê-los funcionando e dominando o mundo. Guto Lacaz, em seu qualitativo, instigante, divertido e belo conjunto de obras e experiências artísticas, algumas vezes empregando o uso de instrumentos científicos, nos faz refletir lúdica e responsabilmente sobre essa realidade. E é quando se estabelecem as funções da arte — fazer pensar, abrir o debate, propor transformações ou, até mesmo, sonhar.

CIÊNCIA x ARTE

Artista-cientista, o inverso ou nenhuma das duas coisas porque ele não está preocupado com definições, Lacaz, que também pode ser um talentoso ator, mágico e alquimista, deixa claro em sua obra o que propõe: “Os artistas, de modo geral, têm medo da ciência e acabam esquecendo-se que, se ela for bem administrada, pode se tornar um poderoso instrumento de expressão”. Cada um de seus trabalhos, irônicos e bem humorados, gera consciência sobre a função das coisas, revela o insólito na função específica de cada uma de suas propostas. Por exemplo, quando abre um diálogo entre a vassoura e o aspirador de pó que vai do sensual ao romântico, sem dispensar a crítica sobre o nosso comportamento nas relações com máquinas e produtos (latas de óleo, garrafas de refrigerantes, cabides de roupas, rádios de pilha).

Diferente de seus antepassados, que inventavam ou pintavam, e também de alguns dos seus contemporâneos apenas comprometidos com “estar na moda”, já que o tridimensional das instalações está dominando os espaços destinados às mostras de arte, Guto Lacaz é único. Ele não é um aventureiro, longe disso. Instruído, culto, informado, ético e elegante sabe muito bem o que faz. Tem paixão pela pesquisa, cujos muitos experimentos se tornam, responsabilmente, conteúdos de qualidade no perfeito equilíbrio entre mensagem e estética. São muitos os nomes, no exterior e no Brasil, que transitam esse mesmo caminho que mescla

indústria e arte. Entretanto, sob postura dadaísta utilizando lixo para criar luxo e debochando das incoerências da sociedade, destaca-se Guto Lacaz: “Ganho dinheiro com as artes gráficas, mas são as artes plásticas que me fazem cada dia mais feliz”.

A nós também, e nos dois casos.

Ricardo Viveiros, para a *Revista Abigraf*, em fevereiro de 2016.